



“SE TIVESSE MENOS EXU, A GENTE FAZIA”: NARRATIVA DE UMA TENTATIVA DE ENCENAÇÃO DA MITOLOGIA¹ YORUBÁ NO IFF CABO FRIO²

Clarice Cruz Terra³

Resumo

O artigo pretende pensar sobre o racismo religioso na escola, a partir da narrativa do processo de criação de uma peça no IFF Cabo Frio. Esta pesquisa se alinha aos estudos com os cotidianos e utiliza a narrativa como metodologia. A partir desta experiência, penso sobre: a colonização e o apagamento das culturas afro-brasileiras; a branquitude e seus privilégios; o avanço das pautas conservadoras e o crescimento das religiões evangélicas no Brasil. Por fim, aponto as Leis 10.639 e 11.645 como possibilidades de enfrentamento destas questões, desde que implementadas coletivamente nas escolas.

Palavras-chave: racismo religioso; teatro na escola; currículo; educação antirracista.

“IF THERE WERE LESS EXU, WE WOULD DO IT”: NARRATIVE OF AN ATTEMPT TO STAGE YORUBA MYTHOLOGY⁴ AT IFF CABO FRIO

Abstract

This research proposed to investigate the teaching experience in the context of the Covid-19 pandemic, based on the experience of primary schools teachers, aiming to understand the challenges and possibilities of the teaching-learning process within this context. The research is qualitative in nature, due to its human bias and interpretative approach. For data collection a questionnaire was applied through the Google forms platform, with 10 teachers from a public municipal school in Teresina - PI. The study is characterized as a case study. The data were analyzed based on content analysis. The results reveal that social transformations always demand changes in the way people learn and consume information, however, the pandemic period affected the ways of teaching and learning in a dimension that could not be predicted. The reality experienced by teachers showed how this period has accentuated the inequalities that already existed in the Brazilian educational context even before the pandemic, not yet adequately addressed by governments. The process of insertion of the technologies within this context revealed an incipient scenario regarding the availability of technological resources for teachers and students, as well as the need to train teachers to meet the new demands of the teaching-learning process.

Keywords: religious racism; theater at school; curriculum; anti-racist education.

¹ Compreendo que aquilo que denomino aqui como mitologia Yorubá, é muito mais uma forma de perceber e enxergar o mundo, compartilhada por diferentes pessoas ao longo da história da humanidade, e por isso seria melhor usar o termo cosmogonia ou cosmovisão. Neste resumo uso a expressão mitologia porque quero provocar uma comparação com a mitologia grega.

² Artigo recebido em 17/11/2024. Avaliação em 18/11/2024. Aprovado em 18/01/2025. Publicado em 25/02/2025.

³ Professora de Teatro do IFF Cabo Frio e doutoranda do PPGEDU da UFF. E-mail: clarice.terra@iff.edu.br

⁴ I understand that what I call Yoruba mythology here is much more a way of perceiving and seeing the world, shared by different people throughout the history of humanity, and for this reason it would be better to use the term cosmogony or worldview. In this summary I use the term mythology because I want to provoke a comparison with Greek mythology.

“SI HUBIERA MENOS EXU, LO HARÍAMOS”: NARRATIVA DE UN INTENTO DE ESCENIZAR LA MITOLOGÍA⁵ YORUBÁ EN IFF CABO FRIO

Resumen

El artículo pretende pensar sobre el racismo religioso en la escuela, a partir de la narrativa del proceso de creación de una obra de teatro en el IFF Cabo Frio. Esta investigación está alineada con los estudios de la vida cotidiana y utiliza la narrativa como metodología. A partir de esta experiencia pienso en: la colonización y el borrado de las culturas afrobrasileñas; la blancura y sus privilegios; el avance de las agendas conservadoras y el crecimiento de las religiones evangélicas en Brasil. Finalmente, señalo las leyes 10.639 y 11.645 como posibilidades para abordar estos temas, siempre y cuando se implementen colectivamente en las escuelas.

Palabras clave: racismo religioso; teatro en la escuela; plan de estudios; educación antirracista.

1- Situação inicial⁶

Instituto Federal Fluminense (IFF), campus Cabo Frio, 13h, primeira aula de teatro do Projeto de Formação Integral⁷ IFFCena. A aula se inicia com todas as pessoas sentadas no palco, em círculo, para conversarmos sobre os interesses de cada uma para chegarmos a um acordo a respeito da temática da peça que seria desenvolvida e encenada pelo grupo naquele semestre.

Eu (animada): E aí, pessoal? Sobre o que vocês gostariam que fosse a peça do IFFCena deste semestre?

Estudante 1: Ah, eu gostaria que fosse uma comédia bem engraçada.

Estudante 2: Sim, mas com um pouco de ação.

Estudante 3: Podia ter alguma cena de terror.

Estudante 4: Eu queria que tivesse romance.

Eu (confusa): Gente, “peraí”. Vamos tentar chegar a um acordo. É muita coisa pra entrar numa peça só.

Estudante 5: Galera, e se a gente encenasse algumas partes da mitologia grega? Lá tem isso tudo aí que vocês querem fazer: tem romance, tem comédia, tem terror. (as pessoas estão animadas)

Eu (aliviada): Que ótima ideia! Como o IFFCena tradicionalmente trabalha com o Teatro do Oprimido, dentro de uma perspectiva antirracista, antimachista etc., eu quero propor uma coisa a vocês. Que tal se nós fizermos uma peça

⁵ Entiendo que lo que aquí llamo mitología yoruba es mucho más una forma de percibir y ver el mundo, compartida por diferentes personas a lo largo de la historia de la humanidad, y por lo tanto sería mejor usar el término cosmogonía o cosmovisión. En este resumen utilizo la expresión mitología porque quiero provocar una comparación con la mitología griega.

⁶ Os subtítulos deste artigo são uma brincadeira com as partes de uma cena teatral e se referem ao “Sistema Quinário de Criação de Cenas”, do professor Iremar Brito (2009). Este sistema se estrutura em 5 momentos-chave para a construção de uma história e/ou cena teatral, sendo eles: 1- Situação Inicial (apresentação das personagens e do contexto geral; 2- Primeira peripécia (conflito, problema); 3- Consequências da peripécia (o que o problema causa); 4- Segunda peripécia (tentativa de resolução do problema); 5- Situação final.

⁷ Aulas ofertadas uma vez por semana para as turmas de segundo, quarto e sexto períodos dos cursos do ensino técnico integrado ao médio. Cada estudante escolhe um dentre o grupo de projetos ofertados naquele semestre letivo.

sobre o encontro de deusas/es⁸ gregas/os com orixás? Seria uma ótima oportunidade de inserirmos a mitologia Yorubá na escola, para que nós e as outras pessoas possamos aprender sobre a cultura afro-brasileira.

Estudante 1 (sem jeito): Mas será que a gente consegue escrever sobre isso?

Eu: A gente vai ter que pesquisar, mas acho que conseguimos, sim.

Estudante 2: Será que teríamos público para uma peça falando sobre a mitologia Yorubá?

Eu: Não sei. Vamos fazer assim: todo mundo pensa no tema e tenta trazer alguma sugestão pro roteiro na semana que vem, combinado? (concordância geral, sem entusiasmo).

Sou uma mulher branca, cis, agnóstica, de 45 anos, mãe de duas adolescentes. Sou professora de Teatro do IFF Cabo Frio, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da UFF e orientanda da professora Nivea Andrade, que coordena o grupo de pesquisa Juventudes, Infâncias e Cotidianos (JICs), da mesma instituição e do qual eu faço parte.

Neste texto, tenho como objetivo levantar questões e pensar sobre o racismo religioso na escola, a partir da narrativa de um processo de criação de uma peça teatral com uma turma do ensino Técnico Integrado ao Médio do IFF, campus Cabo Frio; escola onde eu atuo como professora de Teatro, desde 2018.

As reflexões e ideias aqui apresentadas se alinham com o campo dos estudos com os cotidianos e suas metodologias. Os estudos com os cotidianos propõem um mergulho com todos os nossos sentidos nas práticas da vida diária, buscando beber de diversas fontes e evitar as referências totalizadoras de um modelo de razão e verdade. Acreditamos que, nos cotidianos, há um modo de *fazercriar*⁹ que é diferente daquele aprendido na modernidade, centrado na lógica e na razão. São modos de *fazerpensar* nos quais se misturam agir, dizer, criar, lembrar, num movimento *práticateverbiapráctica* (Alves, 2008).

Utilizarei a narrativa das experiências como metodologia de pesquisa. Aprendo com o historiador Michel de Certeau que a narrativa é uma arte de dizer, de fazerpensar, que é ao

⁸ Faço uma escolha epistemológica de flexionar as palavras primeiramente no feminino, numa tentativa de resistência ao patriarcado impresso no idioma português. Como afirma a escritora Grada Kilomba: “a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade” (Kilomba, 2019, p.14).

⁹ Nas pesquisas com os cotidianos, escrevemos algumas palavras juntas para reforçar a complexidade de certos conceitos e conhecimentos tecidos em nossas experiências nas escolas, que não podem ser expressas através de dicotomias do discurso científico hegemônico moderno.

mesmo tempo prática e teoria (Certeau, 1998). Além disso, compreendo, com a professora Nilda Alves, que a narrativa das experiências dos cotidianos é uma metodologia que “tem uma grande importância, porque garante formas, de certa maneira, duradouras aos conhecimentos, já que podem ser repetidas” (Alves, 2000, p. 5).

Nos estudos com os cotidianos, entendemos que os conhecimentos são tecidos em redes (Oliveira; Alves, 2001): aprendemos com as múltiplas relações que estabelecemos nos diversos espaços que circulamos; aprendemos com o que lemos, com o que escutamos, com o que observamos, com o que tocamos, com o que dançamos, com o que provamos, com o que sonhamos, com o que sentimos, com o que festejamos e com o que sofremos. Dentro desta perspectiva, não existiria um “objeto de estudo”, pois, compreendemos que estamos mergulhadas/os nos espaços tempos que pesquisamos (Oliveira; Alves, 2001).

Narrarei o processo de criação de uma peça teatral com uma turma do Projeto IFFCENA. Neste trabalho com as turmas do Projeto de Formação Integral, busco estimular que todas/os sugiram e opinem. A escolha do tema e da estrutura da peça é feita a partir de muitas rodadas de conversas. A intenção é encenarmos temas que interessem ao grupo, para que as pessoas se sintam motivadas a participar ativamente da criação do texto e das cenas em si.

2- Primeira peripécia (ou conflito)

A turma em questão era composta por 25 estudantes e, por isso, demoramos quatro semanas para chegarmos a um consenso a respeito do roteiro. Depois de muitas conversas e discussões, definimos que a peça se chamaria “Fake news épicas”, e narraria um “Encontro internacional de mitologias”, onde deuses gregos e orixás da mitologia Yorubá contariam suas versões da criação do mundo e discutiriam sobre as dificuldades encontradas com os seres humanos na contemporaneidade.

Na peça, Hermes¹⁰ e Exu¹¹ são os anfitriões do “Encontro” e recebem convidadas/os para falarem sobre alguns temas. O conflito central da peça se dá quando Boca Vermelha, uma influencer, é convidada para falar sobre como anda o “engajamento” dos seres humanos com as

¹⁰ Hermes foi um deus grego conhecido como o mensageiro do Monte Olímpo e o responsável por encaminhar as almas dos mortos até as margens do rio que levava ao submundo. Hermes usava sandálias aladas, que facilitavam sua locomoção.

¹¹ Exu é um Orixá primordial da cosmogonia Yorubá, ligado à ordem, ao movimento, à comunicação e à fecundação, responsável por abrir caminhos, vigiar mercados e habitar encruzilhadas.

mitologias grega e Yorubá na atualidade e descobrem que a reputação de Exu na terra anda de mal a pior, como podemos observar no trecho a seguir:

Exu: Vamos começar esse bate papo falando com a grande influencer, maravilhosa, bafônica, Boca Vermelha! (plateia vai ao delírio). Conta pra nós, Boca! O que as pessoas têm falado de nós aí na terra? Como anda o engajamento com as nossas mitologias?

Boca Vermelha: Oieeee galeraaa! Primeiramente, eu queria agradecer pelo convite e pedir pra vocês, que estão aí me assistindo, que me sigam no Insta @BV, e que curtam meus vídeos no YouTube também para dar uma força pro meu trabalho! Não esqueçam de ativar o sininho pra ficarem por dentro de todos os babados!

Bem, até que o engajamento de vocês aqui na terra anda bem legal! A mitologia grega é usada como referência em um monte de filme e livro, né? Teve o filme 300, teve o filme Hércules, tem a série de livros de Percy Jackson, que nuncaaaaa sai de moda, né? Então, é uma coisa assim, super conhecida por aqui. Afrodite e Apolo, por exemplo, ainda são referência de beleza e glamour pra muita gente.

Hermes: Nossa! Que bacana! Não sabia disso! E a mitologia Yorubá, como anda o engajamento por aí?

Boca Vermelha: Ah, aí já é outra parada, né? A gente acaba notando um engajamento bem negativo quando se trata dos orixás.

Exu: Opa! Como assim? Conte essa história direito, dona Boca!

Boca Vermelha: Pois é, seu Exu. O senhor vai me desculpar, mas o seu nome por aqui é sempre ligado ao coisa ruim, ao demônio mesmo!

Exu (em choque): O quêeeeeee? Como assim, senhora? Eu, euzinho mesmo? Exu? A senhora não está me confundindo com o Belzebú, não?

Boca Vermelha: Não, não, não. Nada de Belzebú. Aqui onde eu moro, Exu é nome de demônio mesmo. (plateia reage com espanto ohhhh e começa uma confusão).

Hermes: Calma, aí, minha gente! Vamos tentar entender melhor este babado! Não é possível, minha gente! Vamos deixar o nosso amigo se defender. Fala aí, Exu. Por que você não é o demônio?

Exu: Mas como eu poderia ser o demônio, se ne existe demônio na mitologia Yorubá? Sou eu quem abre os caminhos, quem traz a prosperidade, quem traz a fartura para a sua casa. Todo mundo cultua Exu na África pois Exu é um guardião de todos os orixás. Eu sou o guardião de vocês! (Trecho da peça “Fake news épicas”).

A adesão da turma à narrativa da mitologia grega foi imediata. A maioria das/os estudantes demonstrou interesse pelo tema e, boa parte delas/es, expressou ter um conhecimento profundo destas histórias que, aliás, estão presentes em diversas referências das juventudes contemporâneas. Como exemplo destas referências, podemos citar a série de livros “Percy Jackson”,¹² de Rick Riordan, e o filme “Hércules”,¹³ de Renny Harlin.

Quando o nome de Exu foi posto na roda, o entusiasmo diminuiu visivelmente e a turma começou a se dividir. Parte dela estava empolgada com o desafio de criar esta história, e, também, parecia interessada em conhecer a mitologia Yorubá; o que aparentemente ninguém, nem eu, conhecia.¹⁴ Outra parte da turma, bastante numerosa e que incluía pessoas negras, começou a se afastar da nossa roda de conversa, a sentar nos cantos, deixando de participar dos debates e, algumas pessoas, começaram a faltar às aulas, coisa que não acontecia até então.

Compreendo, com a pesquisadora e educadora Regina Lúcia dos Santos,¹⁵ que o fato de algumas/ns estudantes negras/os apresentarem resistência ao tema proposto não significa que elas/es estavam sendo racistas, afinal, só é racista quem tem poder, ou seja, a branquitude, representada pelo Estado, pelas classes dominantes, pelos meios de comunicação etc. Quando uma pessoa negra não tem conhecimento do seu pertencimento racial, ela é reproduutora da ideologia racista, por ter internalizado o ideário racista imposto pela branquitude (Santos, 2023).

O fato é que a turma estava visivelmente dividida e o desconforto era geral. O que fazer, então? Como prosseguir com os ensaios a partir desta cisão? Teria sentido insistir nesta ideia?

3- Consequências da primeira peripécia

¹² Baseado nos romances escritos por Rick Riordan, a série acompanha o jovem Percy Jackson, um garoto que acaba de descobrir que é um semideus – metade humano, metade deus. Percy é filho de Poseidon, o deus dos mares e oceanos na mitologia grega, e precisa aprender a controlar suas habilidades especiais.

¹³ Hércules (nome romano) ou Héracles (nome grego) é um herói presente na mitologia grega que ganhou notoriedade por possuir uma grande força. Ele realizou uma série de trabalhos considerados impossíveis, com destaque para as 12 missões que ele recebeu de um rei chamado Euristeu.

¹⁴ Nesta turma, ninguém se identificava como praticante de religiões de matrizes africanas, porém, em outras turmas do IFF Cabo frio, conheço estudantes que assumem ser destas religiões. Devido ao preconceito sofrido, é possível que tenham outras/os que preferem não se identificar publicamente.

¹⁵ Coordenadora estadual do Movimento Negro Unificado (MNU), em São Paulo.

Eu estava atenta ao que acontecia naquele momento e intuía as razões daquele afastamento estar acontecendo, mas tentei ignorar e seguir adiante, pois meu desejo de trabalhar aquela temática era muito grande e eu não gostaria de recuar.

Detectei que a maioria do grupo que se alienou do processo de criação da peça, tinha em comum o fato de praticarem religiões cristãs evangélicas.¹⁶ É de conhecimento geral a intolerância que as/os representantes dessas religiões muitas vezes demonstram contra as religiões de matrizes africanas.

Eu gostaria de contextualizar um pouco o perfil religioso da região onde esta escola está inserida. Para isso, utilizarei alguns dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A cidade de Cabo Frio vive um crescimento exponencial do número de igrejas e fiéis ligados às religiões evangélicas. Segundo o Censo do IBGE de 2010,¹⁷ em Cabo Frio a população se dividia em:

- Evangélicos - 41,7%
- Católicos Apostólicos Romanos - 34,3%
- Não religiosos (incluindo ateus e agnósticos) - 17,6%
- Espíritas - 3,5%
- Outras religiões - 3,4%

Entendo, com o jornalista Rone Carvalho, alguns fatores que podem ser levantados para pensarmos sobre este crescimento das religiões evangélicas, dentre eles: a facilidade jurídica existente para se abrir um templo religioso no Brasil; a rápida formação dos líderes religiosos (em comparação à formação de padres, por exemplo); a instalação de templos em lugares estratégicos (periferias e comunidades pobres); o apoio emocional e até mesmo financeiro que as comunidades evangélicas oferecem às/aos fiéis; às promessas de “mudança de vida” e de “milagres” operados por Deus àquelas/es que entram nas igrejas; a assistência social prestada por muitas igrejas às comunidades, nos locais onde o Estado não atua; dentre outras (Carvalho, 2023).

¹⁶ No Brasil, as igrejas evangélicas se dividem em: pentecostais, missionárias e neopentecostais.

¹⁷ Informações no site do Censo IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/riacho-frio/pesquisa/23/22107>, acessado em 17/11/2024.

Acompanhamos nas mídias diversos casos de ataques violentos a terreiros e a praticantes da umbanda, candomblé e de outras religiões afro-brasileiras. Um relatório da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa, referente ao ano de 2021, no Estado do Rio de Janeiro, apresenta os seguintes dados: foram relatados 47 ataques a espaços religiosos naquele ano. Destes, 43 (91%) eram terreiros de religiões de matrizes africanas, 3 eram espaços judaicos e 1 católico. No que tange à identificação das pessoas agressoras, 25 eram evangélicas, 3 católicas e o restante era não identificado ou variado.

É possível pensar que estes ataques estejam relacionados ao racismo estrutural presente na sociedade brasileira, que é uma das heranças do nosso passado colonialista. Aprendo com o professor Luiz Rufino que a colonização se dá, também, através da dominação das cosmogonias, gerando um apagamento e uma invisibilização das histórias e culturas dos povos colonizados, e que “a colonização não se faz sem que haja um plano de ensino e um currículo que institua a aprendizagem do ser colonizado via violência e esquecimento de si” (Rufino, 2021, p.22). Este movimento foi iniciado pela igreja católica e hoje se expande através das igrejas evangélicas.

Neste ponto, gostaria de observar que os dados apresentados representam uma parcela das igrejas evangélicas que é aquela mais “barulhenta”, que tem uma maior visibilidade nas mídias e na política nacional. Esta parcela seria justamente a que se alinha aos movimentos fundamentalistas.

Porém, podemos encontrar diversas representações evangélicas que se apresentam como ativistas de causas identificadas com a esquerda política, como por exemplo, pastor Henrique Vieira, pastor Isidório, pastor Caio Fábio, dentre outros. Nas eleições de 2020, foi criada a “Bancada Evangélica Popular”, que contava com 20 candidatos de diversos partidos de esquerda de todo o Brasil, principalmente do estado de São Paulo.

A pastora e professora Alexya Salvador, que foi candidata à vereadora pelo PSOL na cidade de São Paulo em 2020, foi ordenada a primeira travesti clériga da América Latina. Alexya fala que “A bancada da Bíblia no Congresso não representa os valores do Evangelho. No começo, os cristãos dividiram o que tinham com os irmãos, cuidavam de quem era oprimido e agora condena ao Inferno a mulher que depila o braço” (Sobrinho, 2020).

Assim sendo, neste texto, trato da vertente de igrejas e praticantes evangélicos que têm práticas fundamentalistas e entendo que esta parte não representa o todo desta religião.

Por ser agnóstica e por reconhecer alguns preconceitos que tenho/tinha com as religiões em geral, constatar isso não foi um passo simples para mim. Talvez eu tenha sido capaz de dar este passo ao ser impulsionada pelo desejo de “ir além do já sabido”, que é um dos movimentos dos estudos com os cotidianos, em que somos desafiadas/os a duvidar permanentemente de nossas “certezas”. Entendo, com Nilda Alves, que para ir além das “lições aprendidas”, precisamos lutar contra o que em nós está “encarnado” (Alves, 2003).

A partir de estudos decoloniais e de conversas com o JICs e com colegas docentes, percebo que consigo começar a enxergar melhor as inúmeras situações de racismo e de exclusão que vivemos cotidianamente, inclusive em nossas salas de aula. Por isso, era tão importante para mim não declinar da proposta de falar de Exu e demais orixás na escola.

4- Segunda peripécia (tentativa de resolução)

Numa tentativa de resistência, apelei para a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório nos currículos das escolas de educação básica o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, com o objetivo de combater o racismo e de dar visibilidade às culturas e histórias apagadas ao longo dos tempos.

Ao apresentar a lei para a turma, argumentei que a peça não tinha ênfase religiosa, que era centrada na parte cultural e que isso era essencial para colocarmos em prática o que a lei exigia. No entanto, as carinhas que me observavam não pareciam convencidas de que não se tratava de religião, muito provavelmente por se tratar de Exu, um nome com significado tão forte e negativo para as religiões cristãs.

A peça tinha o propósito de tentar desconstruir esta imagem do orixá, como podemos ler no trecho a seguir, quando o personagem do historiador fictício, Petrus Babatundé, fala que:

Petrus Babatundé: Considerado por muitos como um ser “assustador”, o orixá Exu, cultuado nas religiões de matrizes africanas, está fortemente ligado ao negro brasileiro e a sua história. É possível, inclusive, melhor compreender o Brasil ao entendermos esse orixá. Engana-se quem associa Exu a coisas pesadas, sombrias e maléficas. Ao contrário, ele é uma entidade complexa, cheia de variações e a mais parecida com o homem. Está associado ao carnaval, às festas. É Exu que traz um bom emprego, um bom trabalho e uma boa saúde. A maldade não está no Exu e sim nos seres humanos. A dicotomia excludente de bem e mal é conceito que não se aplica à mitologia Yorubá, pois o

mesmo fogo que cozinha, incendeia. Exu é o mais humano dos orixás e o mais divino entre os homens.... (Trecho da peça “Fake news épicas”).

Por que será que, mesmo após esta explicação da peça e da apresentação da lei, a resistência ao tema só crescia?

Aprendo com a professora Leda Martins que, em parte, as/os estudantes tinham razão, pois, apesar da minha tentativa de convencimento de que a narrativa Yorubá tinha ênfase no aspecto cultural, o aspecto religioso e espiritual é indissociável das culturas afro-brasileiras. Com a Leda, entendo que “um dos pressupostos dos valores éticos nas culturas negras é a de que os bens culturais, em última instância, são transmissores da energia vital que se espalha do sagrado e que em tudo se manifesta” (Martins, 2021, p. 70).

Nesse sentido, podemos pensar sobre a questão da laicidade nas escolas públicas. No Brasil, a separação oficial entre Estado e Igreja acontece com a Constituição de 1891, logo após a Proclamação da República, onde se coloca, dentre outras coisas, que as escolas estatais devem praticar um ensino leigo.

A laicidade do Estado garante que as leis reconheçam a igualdade entre as/os cidadãs/ãos no que tange à livre expressão de ideias, para o exercício pleno da cidadania. Entendo, com o professor José Luís Derisso, que nós, docentes, não precisamos omitir nossa concepção do mundo. O que é, sim, necessário, é que se respeite o direito das/os estudantes de explicitar ideias diferentes e que estas divergências gerem um rico debate acadêmico (Derisso, 2023).

A partir desta compreensão, penso que falar sobre a mitologia Yorubá, com ênfase nos seus processos culturais, não fere o princípio da laicidade da escola pública e nem implica automaticamente num proselitismo. Em nenhum momento do processo de construção da peça “Fake news épicas”, foram feitos rituais religiosos ou algo parecido, que pudesse ser entendido como uma tentativa de convencimento ou de “conversão” religiosa. A mitologia Yorubá foi apresentada como um aspecto cultural trazido para o Brasil pelas pessoas escravizadas que vieram forçadas da África para cá.

Será que se a proposta fosse encenarmos alguma parábola bíblica, haveria algum tipo de desconforto na turma? Será que alguém se recusaria a interpretar algum personagem relacionado ao cristianismo? Seria possível pensar que a reação de parte da turma ao tema da peça foi algo aleatório, sem qualquer ligação com fatores sócio-históricos do nosso país?

O Censo do IBGE de 2022¹⁸ apresentou um dado que chamou a minha atenção: o Brasil tem mais estabelecimentos religiosos do que instituições de ensino e unidades de saúde somados. Este cálculo é feito a partir do número de instituições para cada grupo de 100 mil habitantes.

O mesmo Censo traz o número de templos religiosos do Estado do Rio de Janeiro no período pesquisado: 55.221.¹⁹ Destes, apenas 847²⁰ eram terreiros de religiões de matrizes africanas. Estas diferenças numéricas mostram um dos efeitos da colonização no nosso país, cujo um dos objetivos era impor o cristianismo à força aos indígenas e africanos que aqui estavam.

Num outro trecho da peça “Fake news épicas”, o personagem Petrus Babatundé fala sobre a construção histórica da “demonização” das religiões de matrizes africanas e explica que:

Petrus Babatundé: Essa ideia veio das missões religiosas do colonialismo no Brasil. O objetivo era impor o cristianismo e abolir as demais religiões, dos indígenas e dos africanos escravizados. (...) Mas, na verdade, no projeto de embranquecimento da colonização, todos os demais orixás são figuras ligadas ao mal. Isso apenas é um dos aspectos do racismo estrutural imposto pelos colonizadores e que se perpetua até os dias de hoje. Só que hoje, esse racismo está tão enraizado na nossa cultura, que as pessoas nem percebem que dizer que Exu é o diabo ou maldizer os demais orixás e religiões afro brasileiras é, sim, um ato racista. Isso é racismo religioso! (Trecho da peça “Fake news épicas”).

Entendo que a falta de conhecimento e de contato com as culturas afro-brasileiras pode gerar interpretações equivocadas e, algumas vezes, medo. Assim, outra tática²¹ que utilizei para tentar impedir o cancelamento da peça, foi a de convidar um servidor muito querido das/os

¹⁸ Informação coletada na revista Carta Capital, no site <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/brasil-tem-mais-templos-religiosos-do-que-escolas-e-hospitais-aponta-o-ibge/>, acessado em 17/11/2024.

¹⁹ Informação coletada no site da revista Veja [https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/ibge-brasil-tem-mais-templos-religiosos-que-unidades-de-saude-e-escolas#:~:text=Depois%20desses%20quatro%20estados%20do,ensino%20\(173%2C1%25\).,](https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/ibge-brasil-tem-mais-templos-religiosos-que-unidades-de-saude-e-escolas#:~:text=Depois%20desses%20quatro%20estados%20do,ensino%20(173%2C1%25).) acessado em 17/11/2024.

²⁰ Este número foi levantado por uma pesquisa da PUC de 2014 e pode estar desatualizado. A pesquisa está no site <https://puc-riodigital.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoID=24076&sid=13#:~:text=O%20Estado%20do%20Rio%20tem,e%20suas%20deriva%C3%A7%C3%B5es%20agora%20mapeados.,> acessado em 17/11/2024. O IBGE não traz dados referentes aos terreiros de religiões de matrizes africanas.

²¹ A estratégia é a “arte dos fortes”, enquanto a tática (ou astúcia) é a “arte dos fracos”. O historiador Michel De Certeau, chamou de estratégia o “cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado” (Certeau, 1998, p. 99).

estudantes, que é negro e praticante da umbanda, para conversar com a turma sobre a mitologia Yorubá, sobre Exu e para tirar as nossas dúvidas.

Desta vez, parecia que ia dar certo. No início da conversa, a turma, incluindo o grupo que estava afastado, fez muitas perguntas ao servidor e nós recebemos muitas informações interessantes. Porém, quando o servidor começou a comparar os orixás com santos católicos e a questionar certas histórias da bíblia, incluindo questionamentos a respeito da juventude de Jesus, a coisa degringolou e parte da turma até se retirou da sala, ofendida. O tiro saiu pela culatra!

A partir dali, o desconforto com a peça foi numa crescente vertiginosa, até chegarmos ao ponto em que um grupo de estudantes pediu a fala no início da aula:

Estudante 1: Professora, nós precisamos falar uma coisa com a senhora...

Estudante 2: Nós não estamos nos sentindo bem fazendo esta peça. Ela faz a gente se sentir traindo a nossa religião.

Eu (respirando fundo, tentando disfarçar a raiva): Mas gente, como assim? A gente já está há mais de um mês trabalhando nessa peça? Por que ninguém falou nada até agora?

Estudante 1: A gente estava com vergonha, porque a senhora ficava falando que não falar de orixá na escola é coisa do racismo. A gente não é racista, mas não conseguimos fazer esta peça.

Estudante 2: Se tivesse menos Exu, a gente até fazia. Se fosse só a mitologia grega...

Estudante 3: Mas aí já ia parecer racismo mesmo. Melhor a gente mudar o tema. Não falar de mitologia nenhuma.

Eu (arrasada): Ok, pessoal. Vamos trazer outra proposta de peça semana que vem. Melhor ficarmos por aqui, hoje! (Encerrei a aula meia hora mais cedo, por não saber como lidar com aquilo).

5- Situação final

Depois de cerca de 2 meses de trabalho, vem este balde de água fria! Foi bem difícil de digerir esta situação. A peça foi inviabilizada por um grupo que representava cerca de um terço da turma. No entanto, num processo criativo coletivo como este, precisamos de todas as pessoas, não podemos deixar ninguém de fora.

Dou aula de teatro desde o início da minha faculdade, em 1997. Nunca me aconteceu uma situação como esta. Muitas vezes as turmas questionam alguns temas, ou partes de algum roteiro ou mesmo as escolhas estéticas da encenação. Porém, até este momento, contornamos os

problemas com as conversas e/ou fazendo pequenas modificações nas peças, de maneira que todas/os se sentissem confortáveis. Esta foi, portanto, uma situação inédita para mim.

Além de não realizar a peça que eu desejava, restava apenas um mês para a Mostra de Projetos de Formação Integral,²² ocasião em que nos comprometemos a apresentar uma peça. Ou seja, tínhamos apenas 4 aulas para definir, escrever e ensaiar a nova peça. Era preciso fazer isso, mesmo que eu estivesse desanimada ou mesmo zangada com a situação. Mal tive tempo de digerir o desgosto, pois precisei criar uma saída urgente.

Acabamos fazendo uma outra peça com o tema do racismo, porém, sem a mitologia Yorubá. Utilizamos a técnica de Teatro Imagem, do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (1980). Nesta técnica, a turma foi desafiada a criar imagens estáticas, em grupo, com seus corpos, para representar situações e/ou sentimentos em cenas que representassem situações de racismo.

Com a nova proposta de peça, a tensão na turma diminuiu, mas eu me senti angustiada e desafiada pedagogicamente com aquela interdição e é a partir desta angústia, que hoje escrevo este texto.

Quando penso neste processo de criação, me pergunto: por que será que é tão banal falar de Zeus na escola e causa tanto estranhamento apenas mencionar o nome Exu? Reflito com a professora Erica del Giudice que:

[...] o desenvolvimento da intolerância religiosa no Brasil está intimamente interligado à questão do genocídio do povo negro, sua ancestralidade africana e toda a forma de constituição afirmativa do seu ser. Por isso, parece terminologia justa e reparatória, compreendê-la sob o que segmentos dos movimentos sociais e intelectuais negros cunham por racismo religioso. Justamente por compreender que a intolerância religiosa sofrida pelos praticantes do sagrado afro-brasileiro está associada à origem negra e africana de sua formação, como uma marca, um estigma (Del Giudice, 2021, p. 73).

Aprendo com a psicóloga Cida Bento que o domínio da branquitude está presente em todos os setores da sociedade, incluindo os currículos escolares. Este domínio é essencial para a manutenção do poder e dos privilégios dos brancos, a partir da construção artificial e cruel da suposta “superioridade branca”. Cida Bento fala que:

Assim, foi no bojo do processo de colonização que se constituiu a branquitude. Os europeus, brancos, foram criando uma identidade comum que usou os

²² A Mostra de Projetos de Formação Integral é a culminância dos trabalhos com os projetos, onde cada turma apresenta para a comunidade interna seus processos e/ou resultados. A Mostra é realizada semestralmente no IFF campus Cabo Frio.

africanos, negros, como principal contraste. A natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão (Bento, 2022, p. 22).

A infiltração dos valores cristãos/evangélicos nas escolas e suas implicações, que incluem a interdição de uma peça sobre a mitologia Yorubá, por exemplo, são um reflexo do crescimento observado destas religiões na sociedade brasileira. A PL da Escola sem Partido,²³ a aprovação do Projeto de Lei do *homeschooling*²⁴ pela Câmara dos Deputados e a militarização em escolas municipais e estaduais, estão entre os desdobramentos recentes das investidas do conservadorismo²⁵ na educação brasileira, lideradas principalmente pela Bancada Evangélica no Congresso.

Penso que, hoje, talvez a melhor ferramenta que podemos utilizar para enfrentarmos estas questões e buscarmos as brechas neste sistema dominado pelos valores cristãos impostos pela branquitude, seja nos ampararmos nas leis 10.639/2003 e 11.645/2008.²⁶ Ao implementarmos estas leis, poderemos levar para as escolas outras cosmogonias, outras histórias, outras culturas, outros paradigmas. Não podemos seguir reduzindo a história do povo negro no Brasil ao período da escravização ou às suas “contribuições” na culinária, na música ou no vocabulário. Assim como não podemos falar das culturas indígenas como algo “folclórico”, “pitoresco”, destacando por exemplo suas roupas e pinturas corporais, como se fizessem parte apenas de um passado distante.

Aprendo com o professor Antônio Bispo dos Santos, quando diz:

No dia em que as universidades aprenderem que elas não sabem, no dia em que as universidades toparem aprender as línguas indígenas – em vez de ensinar –,

²³ “O projeto com nome Programa Escola Sem Partido que tramita em nível federal é o PL no. 867/2015, de autoria do deputado Izalci Lucas (PSDB/DF) [...] Como sua principal base legal, o projeto evoca o artigo 12 da Convenção Americana sobre Direitos Humanos, segundo o qual ‘os pais têm direito a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções’. Segundo o projeto de lei, ‘cabe aos pais decidir o que seus filhos devem aprender em matéria de moral’ [...] A maioria dos propositores de PLs de censura à educação faz parte da chamada ‘bancada da Bíblia’, isto é, são membros da Frente Parlamentar Evangélica ou da Frente Parlamentar Mista Católica Apostólica Romana” (Moura, 2018).

²⁴ PL 1338/2022 que regulamenta a oferta domiciliar da educação básica, criado no governo Bolsonaro com o intuito de garantir que as famílias controlem o que é ensinado para as crianças e foi aprovado na Câmara dos Deputados.

²⁵ Entendo, com a professora Denise Sepúlveda e com o professor José Sepúlveda, que “o conservadorismo é uma narrativa que naturaliza e defende a desigualdade social e vem se intensificando no campo educacional a partir da ação de bancadas religiosas no universo legislativo brasileiro” (Sepulveda; Sepulveda, 2019, p. 870).

²⁶ Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

no dia em que as universidades toparem aprender a arquitetura indígena e toparem aprender para que servem as plantas da caatinga, no dia em que eles se dispuserem a aprender conosco como aprendemos um dia com eles, aí teremos uma confluência. Uma confluência entre os saberes. Um processo de equilíbrio entre as civilizações diversas desse lugar. Uma contracolonização (Santos, 2018, p. 50).

Eu diria que, nas escolas de ensino fundamental e médio, também temos muito a aprender com as cosmogonias dos indígenas e afro-brasileiros. Assim, essas leis poderiam servir como o início de um movimento neste sentido.

Acredito ser possível dizer que estas leis ainda não foram implementadas de fato nas escolas. Quais seriam os principais obstáculos e desafios para a sua implementação? As/os professoras/es têm algum tipo de preparação para trabalhar dentro desta perspectiva, principalmente as/os professoras/es que se formaram no início dos anos 2000, como é o meu caso? É justo que a decisão ou escolha de trabalhar com as temáticas indígenas e/ou afro-brasileiras nas escolas seja uma decisão individual das/os docentes? Qual seria o papel do Estado, das secretarias de Educação e das gestões escolares para que as leis se transformem em currículos praticados?²⁷

Na escola em que trabalho, o estímulo da gestão no que diz respeito ao tema, se reduz aos editais anuais para a organização dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABIS), com ofertas de bolsas para estudantes e a promoção de algumas atividades específicas no mês de novembro (mesmo assim, estas geralmente partem de iniciativas individuais de servidoras/es).

Fazer uma peça falando de Exu na escola foi uma tentativa, dentro da esfera das iniciativas individuais, de trabalhar esta temática. Será que se esta peça fosse uma proposta coletiva, com apoio da gestão e envolvimento de mais colegas, teria sido interditada?

Também, quem mandou falar de orixás na escola? Fazer uma “célula”²⁸ para reunir pessoas em oração dentro da escola, pode tranquilamente (No IFF Cabo Frio e na UFF Gragoatá podemos observar estas “células”. Mas de Exu, onde já se viu?! Pouco se viu, mas, acredito que,

²⁷ Nos estudos com os cotidianos, entendemos os currículos praticados como algo mais amplo do que documentos e diretrizes; como fala a professora Isabel Oliveira, seria o “jogo de tensão entre o que se propõe para a prática pedagógica quanto no que se realiza de fato, em seu interior” (Oliveira, 2003, p. 45).

²⁸ Células da igreja são pequenos grupos que se encontram geralmente uma vez por semana, nas casas ou locais pré-determinados para compartilhar a palavra, fortalecer a comunhão e permitir que as pessoas se conheçam.

diante da urgência de barrarmos os avanços das pautas conservadoras e fundamentalistas²⁹ que estão atreladas ao crescimento das igrejas evangélicas e de contribuirmos para uma educação antirracista, é urgente que se veja.

Não foi desta vez que eu consegui realizar a peça “Fake news épicas”. Embora esta seja a história de um fracasso pedagógico, ela é uma oportunidade de reflexão e fortalecimento de um currículo e de práticas decoloniais no ensino de Teatro e me encoraja a seguir em frente, sem desistir de lutar por uma escola pública antirracista, inclusiva e que promova a equidade.

Referências

ALVES, Nilda. A narrativa como método na história do cotidiano escolar. In: I CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Educação no Brasil: história e historiografia. 6 a 09 de novembro de 2000. **Anais**. Disponível em: https://silo.tips/download/a-narrativa-como-metodo-na-historia-do-cotidiano-escolar-nilda-alves-uerj#google_vignette. Acesso em 04/10/2024.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa.; ALVES, Nilda. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DPetAlii, 2008. p. 13-27.

ALVES, Nilda. Sobre os movimentos nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, jan/dez 2003.

BOAL, Augusto. **Stop, c'est magique!**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. Lei 10.639/03 de 09 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília.

BRITO, Iremar Maciel de. Jogo teatral na pedagogia da criação cênica. Ensaio sobre a prática pedagógica da linguagem do teatro sob a ótica do jogo. **O Percevejo Online**. Periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC – UNIRIO, V.1, Fascículo 02, julho-dezembro, 2009.

²⁹ Aprendo com os professores Sílvio Gallo e Alfredo Veiga-Neto que “fundamentalista é aquele que, frente à falta de certezas, à falta de chão que ela provoca, agarra-se a alguma certeza provisória de forma absoluta, assim como um naufrago agarra-se loucamente a uma tábua de salvação” (Gallo; Neto, 2009, p. 11).

CARVALHO, Rone. O que explica a multiplicação de templos evangélicos no Brasil. **BBC News**, publicada em 12 de julho de 2023. In: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgl7x0e0lmo#:~:text=o%20crescimento%20do%20movimento%20evang%C3%A9lico,na%20din%C3%A2mica%20das%20igrejas%20evang%C3%A9licas>. Acesso em 08/11/2024.

CASTRO, Lavini. Hegemonia cristã: o Neopentecostalismo e sua relação com as religiões de matrizes africanas. **Revista da ABPN**, v. 11, n. 28 , mar – mai 2019, p.34-54.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1998

DEL GIUDICE, Erica da Silva. **Lei 10.639/2003**: uma possibilidade de encontro com o sagrado afro-brasileiro? Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Sociais), UFRJ. Rio de Janeiro, 2021.

DERISSO, José Luís. Laicidade e democracia. **Temas & Matizes**, Cascavel, v.17, n.28, p.143-165, 2023.

GALLO, Sílvio e VEIGA NETO, Alfredo José da. **Fundamentalismo e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOURA, Fernanda Pereira de. Escola sem partido: origens e ideologias. **Ciência Hoje**. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/escola-sem-partido-origens-e-ideologias/>, novembro de 2018, acessado em 17/11/2024.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Curículos praticados**: entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018.

SANTOS, Carlos Alberto Ivanir dos; DIAS, Bruno Bonsanto; SANTOS, Luan Costa Ivanir dos. **II Relatório sobre Intolerância Religiosa**: Brasil, América Latina e Caribe. Rio de Janeiro; CEAP, 2023.

SANTOS, Regina Lúcia dos. Racismo é sobre dominação e poder, logo, o negro não tem como ser racista. **Terra**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/racismo-e-sobre-dominacao-e-poder-logo-o-negro-nao-tem-como-ser-racista,a05e687f97f5749e436ac377391fefe4m1gggoe4.html>. Acesso em 08/11/2024.

SEPÚLVEDA, Denise; SEPÚLVEDA, José. Conservadorismo e seus impactos no currículo escolar. **Curriculum sem Fronteiras**, v. 19, n. 3, p. 868-892, set./dez. 2019.

SOBRINHO, Wanderley Preite. Bancada evangélica de esquerda surge contra neopentecostais e conservadores. UOL. **Disponível em:** <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2020/09/09/contr-neopentecostais-1-bancada-evangelica-de-esquerda-se-lanca-em-2020.htm>. Publicado em 09/09/2020 e acessado em 13/11/2024.